

A Primeira Cúpula Medvedev/Obama em Moscou: um balanço

The First Medvedev/Obama Summit in Moscow: A Review

CRISTINA SOREANU PECEQUILO*
ALESSANDRA APARECIDA LUQUE**

Meridiano 47 n. 109, ago. 2009 [p. 8 a 10]

Durante a Guerra Fria, os parâmetros do relacionamento bilateral entre os Estados Unidos (EUA) e a antiga União Soviética (URSS) eram claros e conhecidos, sustentados na premissa do enfrentamento bilateral entre as superpotências, funcionamento como referencial de ordenamento de um sistema internacional dividido entre blocos opostos. Com o fim da bipolaridade em 1989, contudo, este padrão de aberta confrontação foi substituído por uma relação assimétrica entre a superpotência restante e a potência soviética, depois russa. Desde então, períodos de confrontação e aproximação tornaram-se frequentes, com a Rússia perdendo sua capacidade global, detida pelos EUA.

Além disso, de superpotência, a URSS passou a Estado em crise, para ressurgir como Rússia, e depois de uma década, nação emergente, membro dos BRIC (Brasil, Rússia, Índia e China) potência média em recuperação e que tenta reafirmar-se em seu espaço regional, pressionadas pelos contínuos avanços norte-americanos em suas zonas de influência eurásianas e nas fronteiras com a Europa Ocidental. No nível global, ao lado dos BRIC, a Rússia igualmente busca uma reinserção, na qual tanto se complementa quanto se choca com os norte-americanos.

No período mais recente, com George W. Bush e Vladimir Putin (2001/2008), observou-se uma articulação bilateral ambígua fomentada numa dinâmica de aproximação e distanciamento. Tal articulação teve pontos altos como o combate ao terrorismo e a questão da proliferação de armas de destruição em massa (ADM)s, bases de uma agenda comum após o

11/09 (em 2002, inclusive, os EUA e a Rússia declararam a existência de uma parceria estratégica comum entre ambas e novos mecanismos de associação na OTAN), e pontos baixos e perda de foco, sobretudo entre 2003-08.

Este segundo momento foi marcado pela exacerbção do unilateralismo e unipolarismo neoconservador que provocaram a invasão norte-americana no Iraque, o projeto norte-americano dos escudos antimísseis no leste Europeu, o expansionismo da OTAN às fronteiras russas (independente da parceria estratégica de 2002) e uma postura mais assertiva do Kremlin em assuntos de sua agenda interna/externa diante do que considerava a interferência dos EUA nas antigas repúblicas soviéticas como Ucrânia, Geórgia, Bielo-Rússia e na Ásia Central. Esses pilares permaneceram estremecidos até o fim de ambos os governos, sendo herdados pelos sucessores, Barack Obama nos EUA e Dmitri Medvedev na Rússia que tem buscado refazer o relacionamento em bases de maior convergência, promovendo o seu "re-start" como afirmam os norte-americanos. No caso de Obama, esta tentativa de reaproximação Rússia-EUA insere-se no quadro de sua nova agenda externa, mas é caracterizada, ainda, por ambiguidades e complexidades, como percebido no primeiro encontro de cúpula bilateral entre as duas nações em suas "novas fases".

Assim, os salões do Kremlin serviram como palco do primeiro encontro bilateral entre Barack Obama e Dmitri Medvedev nos dias 06 a 08 de julho de 2009. O objetivo central do encontro fora fortalecer as

* Professora de Relações Internacionais da Universidade Estadual Paulista – UNESP (Campus Marília), e Pesquisadora Associada ao Núcleo de Estratégia e Relações Internacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS (crispece@gmail.com).

** Graduada em Relações Internacionais pela Universidade Estadual Paulista – UNESP (campus de Marília) e bolsista de Iniciação Científica FAPESP (alessandra.luque@yahoo.com.br).

bases dos acordos contra a proliferação nuclear, já iniciadas em abril na reunião do G-20 em Londres. O foco destas conversações fora a formulação de um novo tratado em substituição ao START I (assinado em 1991 pela URSS e pelos EUA, no qual os países se comprometeram a limitar seu número de ogivas nucleares, mísseis e bombardeios) que expirará em 05 de dezembro. Na oportunidade e com a retomada destas negociações, Medvedev enfatizou que um novo acordo estratégico de armas é um elemento essencial à segurança mútua. Vale ressaltar que o mencionado acordo refletirá um novo nível de redução e limitação de ofensivas, isto é, os dois Estados pretendem reduzir o número de ogivas nucleares de cada lado, das atuais 2.200 para 1500-1675 e os mísseis intercontinentais para 500-1100.

Nesse sentido, durante a Cúpula, os presidentes se posicionaram favoráveis a um contínuo comprometimento em direção ao novo Tratado a ser elaborado. Adicionalmente, uma comissão presidencial bilateral Rússia-EUA foi criada para explorar novas oportunidades de parceria. Em tal comissão Moscou e Washington se comprometeram a cooperar em áreas ditas prioritárias tais como agricultura, saúde, energia, ciência e tecnologia, além claro, das questões concernentes ao combate ao terrorismo e a não proliferação. Esse novo instrumento bilateral será coordenado pela Secretária de Estado norte-americana Hillary Clinton e o Ministro das Relações Exteriores russo Serguei Lavrov.

Paralelamente, outras discussões fizeram parte da agenda e o primeiro dia de reunião foi concluído com a assinatura de múltiplos documentos em assuntos relacionados à cooperação nuclear, desmobilização atômica e cooperação militar em movimentações norte-americanas no Afeganistão. Esse último merece destaque, uma vez que representou uma restauração dos laços militares interrompidos desde o conflito Rússia-Geórgia, sendo que Moscou concedeu seu espaço aéreo para o trânsito de armamentos e militares norte-americanos com destino ao país afegão, o que recorda a postura de alinhamento do Kremlin após os atentados de 11/09, quando Moscou prestou assistência à OTAN oferecendo as bases na Ásia Central para o mesmo caso Afeganistão, analisado por alguns, à época, como um avanço nas relações entre os ex-rivais. Assim, Medvedev, ao final do dia, considerou o encontro como um passo importante

rumo à cooperação entre os Estados, reabrindo páginas, segundo ele, de um futuro vindouro. Obama chegou a mencionar que a Rússia e os Estados Unidos possuem mais semelhanças do que diferenças ao se referir às discussões que tiveram anteriormente em Londres, concernentes à economia, segurança, energia e meio-ambiente. Nesse âmbito, o presidente norte-americano também classificou o encontro como um progresso aos dois Países.

Em suma, os dois primeiros dias do encontro foram devotados às questões de desarmamento nuclear e desenvolvimento global, mas as discussões econômicas ganharam, sobretudo no último dia do encontro, 08 de julho, similares atenções. Nessa reunião de negócios, a qual participou uma cúpula de empresários de ambos os lados, Obama lembrou que o comércio dos EUA com a Rússia representa apenas 1% de todas as vendas norte-americanas ao mundo, enfatizou que os dois países são parceiros econômicos naturais e que entre eles existe um enorme mercado de consumidores (incluindo o crescimento da classe média russa). O presidente americano também mencionou as potencialidades das duas nações ao afirmar que do lado russo há um vasto estabelecimento científico, além dos recursos naturais e, do lado norte-americano, há uma liderança em alta tecnologia, manufaturados, agricultura e capital. Com isso, Barack Obama clamava pela necessidade de uma maior facilidade de investimentos de empresas russas nos EUA e, em contrapartida, investimentos de companhias norte-americanas na Rússia. Dmitri Medvedev, na mesma direção, mencionou a importância da diversificação de investimentos americanos em setores como as indústrias tradicionais russas e setores de alta tecnologia.

Outros pontos de discussão, não menos importantes, foram às questões referentes a uma possível adesão da Rússia à OMC, as crises nucleares do Irã e Coreia do Norte, na qual Moscou e Washington concordaram em mover esforços na avaliação de ameaças e segurança nuclear e questões sobre a política russa na vizinhança próxima. Obama se reuniu também com o Primeiro-Ministro russo e ex-presidente, Vladimir Putin, na terça-feira pela manhã na residência particular do premiê, que além de abordarem temas de ameaças comuns, também discutiram sobre a evolução dos laços de seus países ao longo do pós-Guerra Fria. Vale destacar que o presidente dos Esta-

dos Unidos aproveitou o dia para falar à sociedade civil, visitar políticos da oposição parlamentar e representantes das Organizações não-governamentais de ambas as nações.

Aparentemente, Obama e Medvedev saíram da primeira reunião de cúpula otimistas com os progressos atingidos e os próximos passos delineados. Embora o ar tenha sido positivo e a retórica de cooperação enfatizada, os presidentes não chegaram a um consenso sobre questões centrais das discordâncias entre eles- o polêmico projeto dos escudos antimísseis na Europa Central e as questões territoriais da Geórgia, que remontam ao conflito de agosto de 2008, na qual a Rússia reconheceu a independência dos territórios da Abecásia e da Ossétia do Sul (regiões separatistas da Geórgia), ação considerada pelos Estados Unidos como uma violação à integridade do território georgiano. Entretanto, o que se buscou salientar no encontro, foram os pontos positivos discutidos e a junção de esforços para solucionarem os problemas da Segurança nuclear global.

Contrastando-se a este aparente cenário de otimismo, na reunião do Grupo dos Oito em Áquila, Itália, três dias após o encontro bilateral Rússia-EUA, o dirigente russo retomou a retórica de repúdio ao projeto dos mísseis norte-americanos às portas do seu país, afirmando que Moscou poderá posicionar foguetes à Polônia caso Washington leve o projeto adiante. Aqui, nota-se uma clara mudança de tom por parte do presidente Medvedev, ainda que na Cúpula os presidentes não tenham chegado a um consenso sobre as questões que os dividem, essa postura tradicional de contestação por parte do Kremlin só foi retomada em Áquila, na qual o presidente tornou a usar termos como "ameaça" ao se referir aos projetos norte-americanos. Igualmente, a Rússia continua expressando suas desconfianças tradicionais diante da aliança transatlântica e individualmente perante a União Europeia.

De forma geral, os três dias de reunião representaram uma restauração no diálogo entre os dois países, que pontuaram questões importantes da agenda bilateral e global. Com uma retórica amigável, Medvedev-Obama lançaram novas bases para um trabalho conjunto, mas sem abandonarem às questões prioritárias de Política Externa e Interna de seus respectivos Estados, o que reforça a dinâmica- evidenciada desde o imediato pós Guerra Fria- de oscilação entre cooperação

e confronto. No que se refere aos acordos firmados, pode-se dizer que estes se basearam em três premissas básicas: Fortalecimento do regime de não proliferação, reatamento dos contatos militares e cooperação no campo de energia nuclear. Espera-se, contudo, que o acordo preliminar esboçado durante a visita de Obama a Capital russa em substituição ao START, seja levado adiante pelas duas lideranças, que juntas representam mais de 90% do arsenal nuclear mundial.

Porém, ainda que os EUA continuem representando para a Rússia sua principal fonte de ameaça e de oportunidade, é patente que o governo de Moscou ainda busca alternativas que diminuam sua vulnerabilidade frente a sua antiga rival. A preservação de uma postura de assertividade russa e de sua autonomia, ao lado de uma retórica reivindicatória ficaram bastante patentes em reuniões como a Primeira Cúpula dos BRIC realizada em Ecatemburgo na Rússia também no mês de Julho. A reforma das organizações internacionais, a defesa do multipolarismo, saídas equilibradas e justas para a crise econômica foram tópicos do encontro que enfatizou a prioridade de uma identidade e papel renovado para estas nações no cenário.

Assim, se a Primeira Cúpula Obama/Medvedev deve ser vista como positiva, a mesma também tem que ser avaliada de maneira pragmática: como o início de um processo bilateral renovado que, para ambos os lados, é sustentado na retórica da parceria e da desconfiança e na prática dos interesses nacionais individuais em primeiro lugar, associada a movimentações bilaterais e multilaterais independentes.

Recebido em 03/08/2009

Aprovado em 07/08/2009

Resumo: O objetivo do artigo é examinar a primeira cúpula de Moscou entre Obama e Medvedev e as relações EUA/Rússia.

Abstract: The aim of the article is to examine the first Moscow Summit amongst Obama and Medvedev and the USA/Russia relations.

Palavras-chave: Rússia; Estados Unidos; Política Externa
Key words: Russia; United States; Foreign Policy